



Projeto de Iniciação Científica referente ao Edital: **Nº 04/2022**

Título do projeto: *O trabalho de cuidado exercido por mulheres: impactos e interseccionalidades*

Palavras-chave do projeto: Divisão Sexual do Trabalho, Cuidado, Reprodução social; interseccionalidades; gênero.

Área do conhecimento do projeto: Ciências Humanas e Sociais

São Bernardo do Campo

2022

Sumário

Resumo.....	p. 2
Introdução e Contextualização.....	p. 3
Problema de pesquisa e Objetivos.....	p. 7
Metodologia.....	p. 9
Cronograma.....	p. 10
Bibliografia.....	p. 11

O trabalho de cuidado exercido por mulheres: impactos e interseccionalidades

Resumo:

As condições em que vivem homens e mulheres não são meramente estabelecidas pelo determinismo biológico ou inatas à existência humana, são, na verdade, demarcadas pelas relações sociais engendradas pelo sistema sexo-gênero. Partindo dessa premissa, o projeto propõe-se a discutir configurações contemporâneas da Divisão Sexual do Trabalho (DST), com ênfase no trabalho do cuidado. Além disso, pretende refletir sobre como marcadores sociais da diferença, como raça e classe, atravessam a DST, o que nos permitirá delinear os impactos concretos e subjetivos que essa divisão opera sobre a vida das mulheres. A metodologia proposta se baseia em pesquisa bibliográfica referente à temática da divisão sexual do trabalho, teoria da reprodução social e trabalho de cuidado (care), associada ao levantamento e tratamento de dados censitários e quantitativos, produzidos primariamente por institutos de pesquisa como IBGE e IPEA, organizações da sociedade civil como a OXFAM.

Palavras-chave do projeto: Divisão Sexual do Trabalho, Cuidado, Reprodução social; interseccionalidades; gênero.

Introdução e Contextualização

As condições em que vivem homens e mulheres não são meramente estabelecidas pelo determinismo biológico, são, na verdade, demarcadas pelas relações sociais de sexo. (Kergoat, 2003). E, assim como todas as demais relações sociais, possuem um embasamento material, que nesse caso é expresso através da divisão sexual do trabalho. Inicialmente, o antropólogo Claude Lévi-Strauss utilizou a repartição “complementar” das tarefas designada pelo sexo como embasamento para justificar a estruturação da sociedade em família. No entanto, as antropólogas feministas demonstraram não se tratar apenas de uma mera "complementaridade" de tarefas, mas de relações de poder entre homens e mulheres (Mathieu, 1991a; Tabet, 1998 apud Kergoat, 2003, p. 55).

Como abordado por Kergoat (2003. p. 58) a Divisão Sexual do Trabalho (DST) refere-se à maneira como o trabalho social é dividido com embasamento nas relações sociais de sexo, o que possui como característica central a ocupação de homens em cargos produtivos e com grande relevância social, como no setor político e cargos de gestão. No Brasil, por exemplo, as mulheres representam 51% da população, mas são apenas 10% dos parlamentares, isso considerando o Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas dos estados¹. Enquanto as mulheres são destinadas à esfera reprodutiva, como que por um determinismo inato da existência humana, são socializadas com a responsabilidade dos cuidados domésticos, dos filhos, familiares doentes e inúmeras outras atividades necessárias para sobrevivência dos indivíduos. A DST é fundamentada sobre dois pontos: o *princípio de separação*, que define a

¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/15/politica/1418673364_206261.html. Acesso em 15/06/2022.

existência de dois trabalhos distintos, sendo um o trabalho dos homens e outro o trabalho de mulheres, e o *princípio de hierarquização*, que diz respeito à valoração desses dois trabalhos, em que o trabalho do homem possui maior valor quando comparado com o trabalho da mulher.

É necessário frisar que a Divisão Sexual do Trabalho possui uma compreensão ampla do conceito de trabalho, ou seja, engloba tanto o trabalho profissional quanto o doméstico, o remunerado e o não remunerado. Assim sendo, as informações e reflexões aqui levantadas pertencem e podem ser visualizadas dentro do universo profissional, mas também do doméstico e pessoal. Para que a configuração social de divisão social e sexual do trabalho entre homens e mulheres seja viável é necessário que concomitantemente haja uma divisão do saber e do poder entre os sexos na família e na sociedade. Ou seja, como as mulheres são durante toda a sua existência atribuídas aos cuidados das crianças e do lar, é constituído um mercado de trabalho desvantajoso para as mulheres, o que estrutura um poder desigual no mercado econômico, que resulta na exacerbação do poder desigual dentro das famílias e também em um “ciclo de vulnerabilidade” (Susan Okin apud Hirata, 2010, p. 1)

A segunda onda do feminismo emergiu no contexto do capitalismo organizado pelo Estado, uma formação social em que os Estados eram figuras relevantes na condução das economias nacionais. No entanto, a segunda onda coincidiu com uma mudança histórica muito relevante, a sociedade caminhou para uma nova forma do capitalismo, o neoliberalismo, neste novo período a fórmula era diferente, o Estado não era mais figura central na condução econômica, agora os mercados seriam as figuras centrais para domesticar a política (Fraser, 2009, p.5).

Desta forma, um movimento que surgiu fundamentado na contracultura radical, se tornou um fenômeno social de massa com base ampla (Fraser, 2009,

p.17). Inicialmente, as feministas enxergavam potencial em transformar o poder estatal em um meio de empoderamento dos cidadãos e justiça social, no entanto, com o avanço do neoliberalismo, enxergamos uma redução das despesas do Estado, diminuição dos esforços para combater a pobreza em uma esfera macroestrutural e um desmonte dos direitos trabalhistas e da proteção social. Atualmente, enxergamos um incentivo para que as mulheres entrem no mercado de trabalho, por exemplo, no Brasil, entre os anos de 2014 e 2019, a taxa de participação feminina no mercado de trabalho cresceu continuamente².

No entanto, o conjunto de mulheres que compõem o mercado é composto por duas esferas, uma de mulheres altamente especializadas, como juízas e pesquisadoras, e a outra esfera é constituída por cargos tidos como tradicionalmente femininos, como trabalhadoras domésticas, profissionais da saúde e educação. Nesse sentido, observamos um aumento da desigualdade entre homens e mulheres, mas também entre as próprias mulheres. Assim, com a flexibilização do emprego e avanço do neoliberalismo, apesar de mais mulheres estarem trabalhando (seja de maneira formal ou informal), as mulheres também foram as mais atingidas pela precarização do trabalho. De acordo com dados disponibilizados pelo DIEESE, entre 2019 e 2021, houve um aumento das mulheres autônomas, cenário notadamente marcado pela precarização e incertezas.³

É importante refletir sobre esse fenômeno, pois ele nos permite delinear um ponto muito relevante a ser analisado dentro do projeto: **a divisão sexual do trabalho não é atravessada apenas por aspectos de gênero, mas também por marcadores sociais da diferença, como raça e classe**, possuindo, assim,

² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-20-inferior-a-dos-homens/#:~:text=O%20estudo%20foi%20feito%20com,54%2C34%25%20em%202019>. Acesso em 14/06/2022.

³ Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1AzOoMMiWn0wV26qdWpsMoaQUxhpMpdVCoIqPJFlmfko/edit>. Acesso em 19/06/2022.

interseccionalidades. Ou seja, o racismo, a exploração de classe e do patriarcado, de forma conjunta, afetam a vivência das mulheres (Collins, 2017, p. 8) e a divisão sexual do trabalho não é uma exceção, sendo necessário compreender as complexas relações sociais e suas interseccionalidades.

Dessa forma, com maior quantidade de mulheres no mercado de trabalho e tendo em vista que a sociedade capitalista não leva em consideração o trabalho doméstico ao estabelecer a jornada de trabalho de seus funcionários - como preconizam as teóricas da reprodução social (ARRUZA, 2017; BHATTACHARYA, 2019), para que elas possam atuar no mercado formal, muitas mulheres precisam realizar uma espécie de delegação do trabalho de cuidado através da contratação (formal ou informal) de outras mulheres, em sua maioria negras, para realização do trabalho de cuidado (HIRATA, 2010). De acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, o mercado de empregadas domésticas é composto por 6,7 milhões de profissionais, sendo que 6,1 milhões são mulheres e destas 4,9 milhões são mulheres e negras⁴. Desta forma, as mulheres negras representam mais de 73% de todos os profissionais que atuam como empregados domésticos.

O trabalho possui uma grande relevância na vida dos indivíduos, é um espaço de socialização, reprodução, produção e meio de ocupar novos espaços. Diante disso, é relevante que discussões ligadas ao trabalho sejam feitas, conectando esse cenário com o fenômeno da Divisão Sexual do Trabalho estar presente na socialização de todas as mulheres, é essencial que possamos refletir sobre o tema, compreender o funcionamento do fenômeno e o seu impacto sobre a vida das mulheres, levando em consideração as variadas interseccionalidades.

⁴ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>. Acesso em 15/06/2022.

Problema de pesquisa e objetivos

Conforme exposto, a consolidação do neoliberalismo levou ao desmantelamento do Estado, diminuindo as suas responsabilidades combativas ligadas às desigualdades sociais e levando também à flexibilização dos direitos trabalhistas. Foi neste contexto inscrito nas relações sociais engendradas pelo sistema sexo-gênero, aliado à entrada massiva de mulheres no mercado de trabalho, que o conceito de “feminização da pobreza” foi cunhado pela pesquisadora estadunidense Diana Pearce (Pearce apud Novellino, 2016, p. 8). Essa conceitualização nos permite analisar a pobreza sob a ótica daquelas mulheres que são pobres pelo fato de serem mulheres, ou seja, a insegurança social dessas mulheres é uma consequência direta das relações de sexo-gênero.

Além disso, a entrada de mulheres no mercado de trabalho também ocasionou uma polarização da desigualdade entre mulheres, um pólo formado por aquelas que detêm uma formação de qualidade e altos cargos, e o outro pólo formado pela grande maioria de mulheres, com ocupações de baixa qualidade em setores instáveis e sem seguridade social.

Diante desse quadro, de feminização da pobreza e de desigualdades entre mulheres no mercado de trabalho (além das desigualdades de gênero), este projeto tem como:

- **Objetivo geral:** investigar configurações contemporâneas da Divisão Sexual do Trabalho (DST), com ênfase no trabalho do cuidado, no cenário brasileiro.

- **Objetivos específicos:**

- analisar como as desigualdades raciais e sociais se combinam ao gênero para produzir interseccionalidades nas trajetórias ocupacionais de mulheres
- analisar como o trabalho de cuidado se distribui desigualmente entre as mulheres segundo o marcador racial

- avaliar eventuais impactos da Covid 19 na divisão sexual do trabalho (taxa de ocupação homens e mulheres), e também entre as mulheres
- o lugar estratégico ocupado pelas trabalhadoras domésticas remuneradas no cenário da DST e das desigualdades e interseccionalidades.

Metodologia

Inicialmente, o trabalho será desenvolvido através de extensa revisão bibliográfica sobre temas relacionados à divisão sexual do trabalho, tais como “divisão sexual do trabalho por delegação”, “reprodução social”, “trabalho de cuidado”. Além do levantamento bibliográfico, será realizada uma análise junto aos dados censitários relativos à PNAD, estratificados por gênero e raça, produzidos e disponibilizados pelo IBGE. Outras fontes de produção de dados quantitativos e qualitativos socioeconômicos e ocupacionais como o IPEA e a OXFAM, também serão consultados e receberão tratamento secundário. A proposta é realizar uma sistematização desses dados, de modo a produzir um tratamento analítico que permita interpretá-los à luz das categorias eleitas mencionadas.

Cronograma

Período	Atividade
ago-22	Revisão bibliográfica (Reprodução Social X Reprodução Biológica)
set-22	Revisão bibliográfica (DST)
out-22	Revisão bibliográfica ("care")
nov-22	Revisão bibliográfica ("care")
dez-22	Revisão bibliográfica (interseccionalidades)
jan-23	Revisão bibliográfica (interseccionalidades)
fev-23	Redação do relatório parcial
mar-23	Redação do relatório parcial
abr-23	Levantamento de dados ligados a DST
mai-23	Levantamento de dados ligados a DST
jun-23	Análise dos dados
jul-23	Análise dos dados
ago-23	Redação do relatório final
set-23	Redação do relatório final

Referências

ARRUZZA, Cinzia. “Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos”. *cadernos cemarx*, nº 10 – 2017

BHATTACHARYA, Tithi. “O que é a reprodução social”. *Revista Outubro*, n. 32, 1º semestre de 2019

FRASER, Nancy. “O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história”. *Mediações*, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.

KERGOAT, Daniele. “Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo”. *Dictionnaire Critique du Feminisme*. 2000

HIRATA, Helena. “Globalização e divisão sexual do trabalho”. *GERS (Genre et rapports sociaux)*, Centre National de la Recherche Scientifique, França. 2001.

HIRATA, Helena. “Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho”. *Revista Tecnologia e Sociedade - 2ª Edição*, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. “Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória”. *Géledes*. v.5, n.1 p 7-15, Jan/Jun. 2017.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. “Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres”. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú- MG – Brasil. 2004.